

## ENVELHECIMENTO DO TRABALHADOR NA PERIFERIA DO SISTEMA CAPITALISTA: Um estudo com os idosos de Manaus.

Nathalie Santana de Melo <sup>1</sup>

Yoshiko Sasaki <sup>2</sup>

Danielle Bezerra Maia <sup>3</sup>

### RESUMO

Buscamos refletir acerca do que implica envelhecer na periferia do capitalismo. Tomamos por base as mudanças ocorridas no mundo do trabalho, bem como as conseqüências desastrosas para os trabalhadores, principalmente os envelhecidos. Pesquisamos 60 idosos participantes de UBS, por meio de formulários semi-estruturados. Constatamos que mais da metade deles possui baixa escolaridade, que refletiu nas atividades econômicas em que estiveram inseridos, com maior destaque ao mercado informal, fator que explica o não acesso a aposentadoria e a baixa renda atual. Concluimos que a inserção marginal engendra vulnerabilidade aos que não possuem condições de inserção no processo de produção e reprodução social.

**Palavras-chaves:** Envelhecimento, Trabalho, Vulnerabilidade.

### ABSTRACT

We seek to reflect on what aging means in the periphery of capitalism. It relies on the changes in the working world and the disastrous consequences on workers, especially the aged. We searched 60 elderly participants of UBS, through semi-structured forms. We know that over half of them have low education, which reflected in economic activities in which they were entered, with increased emphasis on the informal market, a factor that explains the lack of access to retirement and low current income. We conclude that capitalism engenders vulnerability to those who do not have conditions of participation in the process of social production and reproduction.

**Keywords:** Aging, Labor, Vulnerability.

## 1. INTRODUÇÃO

Neste artigo pretendemos refletir sobre o modo que as transformações ocorridas no mundo do trabalho incidiram sobre a vida do trabalhador que envelhece na periferia do sistema capitalista brasileiro. Haja vista que a velhice é um fenômeno que atinge todas as classes sociais, mas, o modo de vivenciá-lo varia em cada uma delas.

<sup>1</sup> Estudante de Pós-graduação. Universidade Federal do Amazonas (UFAM). [nathalie\\_samel@hotmail.com](mailto:nathalie_samel@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutor. Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

<sup>3</sup> Bacharel. Universidade Federal do Amazonas (UFAM).



Sabemos que o *trabalho* ocupa lugar central na vida do homem, pois conforme lamamoto (2007) o trabalho é uma atividade que produz e reproduz a vida material. A autora, ao parafrasear Marx e Engels (1977), afirma que para viver, os homens precisam comer, beber, ter habitação, vestir-se, dentre outras coisas, mas para isso necessitam trabalhar, pois o trabalho é a base para sobrevivência humana. Todavia, mediante a reestruturação produtiva ocorrida na década de 70 ele se tornou escasso para uma enorme parcela da população. Essa reestruturação ao visar maior produtividade do trabalhador descarta os idosos do mercado de trabalho.

O recorte que fizemos foi dos trabalhadores envelhecidos que ao longo da vida ativa estiveram alocados em atividades precárias e, chegando à velhice necessitam de políticas públicas para sobreviver. Esses idosos que na maioria das vezes passam a vida inteira trabalhando para provir seu sustento, quando envelhecem são simplesmente descartados pelo capital, o que ocorre geralmente na população de baixa renda e com baixos índices educacionais.

A escolha dessa temática não é fortuita, pois diante do significativo aumento da população idosa e seu o processo de envelhecimento, necessita ser analisado/estudados e apontados os gargalos e desafios, como desta pesquisa, para que redirecionem os investimentos sociais, uma vez que este estrato populacional emerge com demandas muito específicas.

Nesse sentido, este estudo é relevante porque traz a discussão um assunto complexo que é o envelhecimento e sua relação com o trabalho, e também pelo fato de o Brasil se encontrar na lista dos dez países com maior população de idosos do mundo. Para facilitar a compreensão desta discussão, inicialmente voltamos nossa reflexão para a metamorfose nas relações de produção e a precarização do trabalho e dos trabalhadores, bem como a vulnerabilidade em que estão inseridos e, refletimos à luz da análise dos dados da pesquisa realizada, fechando com algumas considerações finais.

## **2. TRANSFORMAÇÕES DO TRABALHO E VULNERABILIDADE DO TRABALHADOR QUE ENVELHECE NA PERIFERIA DO CAPITALISMO BRASILEIRO DE MANAUS**



O mundo do trabalho sofreu e vem sofrendo profundas mudanças desde a década de 1970 devido ao impacto da globalização da economia. Na realidade, trata-se do processo de reestruturação produtiva, que aumentou as desigualdades sociais, inclusive nos países centrais, com maior impacto nos países periféricos, dentre os quais o Brasil, considerado um dos países mais desiguais do mundo. Os efeitos mais desastrosos dessas mudanças recaíram sobre os trabalhadores, principalmente os envelhecidos.

Essas mudanças ocorridas, de acordo com Serra (2001) possuem como fator desencadeador a crise do capitalismo, determinada pela queda da taxa de lucros que como efeito provocou baixos índices de crescimento da produção, aumento das taxas de desemprego e subemprego, aumento do setor de serviços e consequentemente a precarização do trabalho e perda de direitos.

Serra (2001) aponta ainda que como resposta a essa crise iniciou-se um processo de reorganização do capital e de seu sistema ideológico de dominação, com o surgimento do chamado *neoliberalismo*, que se contrapôs ao *keynesianismo*. A isso se seguiu um intenso processo de *reestruturação produtiva*, que teve como objetivo restaurar a economia do capital. Foi um momento de transição do padrão de produção fordista/taylorista para o toyotista, conhecido como acumulação flexível.

O toyotismo ao visar altas taxas de lucratividade, teve por base o desenvolvimento tecnológico, bem como a flexibilidade dos processos e mercados de trabalho. Passou a buscar qualidade total da produção; exigir maior qualificação do trabalhador, tornando-o polivalente; produzir inovações tecnológicas evidenciadas pela robótica, automação e microeletrônica; utilizar o método *kanban*, que significa produzir somente o necessário, em menor tempo; além da flexibilidade do aparato produtivo, que acarreta direitos trabalhistas também flexíveis (ANTUNES, 2008).

Conforme Iamamoto (2007) assessora a competitividade no cenário internacional, que passou a exigir maior qualidade dos produtos e a redução dos gastos para ampliar as taxas de lucratividade, ambos, requisitos para enfrentar a concorrência. Algumas das alternativas encontradas para essa redução de gastos foram cortes de salários e enxugamento de empresas. Surgiu então, um duplo processo, que Antunes (2008) denomina: desproletarização e subproletarização.

De acordo com o autor supracitado, a desproletarização significou a diminuição da classe operária industrial tradicional e a efetiva ampliação do setor de serviços. A



subproletarização diz respeito à terceirização, flexibilização, desregulamentação, emprego temporário, exploração intensiva do trabalhador, mercado informal, ou seja, à precarização das relações trabalhistas.

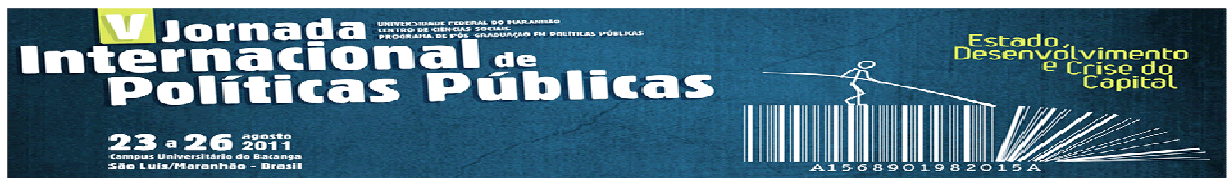
Outro fator que levou à diminuição dos postos de trabalho foi o avanço tecnológico. A automação que serviria para minimizar o desgaste do trabalhador serviu apenas para aumentar a produtividade e gerar um monumental índice de desemprego, ao passo que houve a *substituição do homem pela máquina*. Observa-se então, que a idéia de *pleno emprego* defendida pelo keynesianismo foi substituída no neoliberalismo pela idéia do desemprego.

Paralelo a esse processo, deu-se o crescimento das relações trabalhistas informais, que segundo Tavares (2004, p. 15), significa “a ausência de direitos trabalhistas que tem sido metamorfoseadas em relações mercantis, embora o conteúdo das mesmas continue caracterizando a compra e venda da força de trabalho”. A autora argumenta que não se trata de assalariamento ilegal, mas de formas de trabalho autônomas, isto é, o trabalho cumpre a mesma função para o capital sem os custos sociais correspondentes.

Diante dessas mudanças, o desemprego, antes consequência de recessões econômicas, tornou-se estrutural não mais circunstancial, propiciando um empobrecimento maior da classe trabalhadora e seu enfraquecimento sindical e político, fragilizando-os na luta contra a exploração.

Cumpram assinalar que os impactos da crise e o consequente ajuste econômico-fiscal se fizeram sentir com maior ímpeto no Brasil e especificamente no Amazonas, nos meados de 1990, trazendo novas e significativas mudanças no perfil do emprego, renda e do próprio trabalhador. Diante do quadro de transformações internacionais na economia e seus reflexos para o país, a proporção de trabalhadores brasileiros inseridos do mercado informal e, portanto, sem garantias de proteção social, cresceu. Favorecendo assim, o desmonte de direitos sociais e trabalhistas.

Nesse sentido, em decorrência das necessidades do capitalismo, as políticas sociais, percebidas como instrumento de concretização dos direitos de cidadania, são responsabilizadas pelo esvaziamento dos cofres públicos. Como o ideário neoliberal visa à redução dos gastos sociais do Estado, essa crise fiscal é uma forma de *justificar* a impossibilidade de financiar as políticas sociais universais. Esse processo de retirada do Estado de sua responsabilidade, com o argumento de estar inserido numa “profunda



crise”, acaba por aprofundar as desigualdades sociais da sociedade capitalista brasileira (MONTAÑO, 2008).

De acordo com Yazbek (2001) os impactos dessas transformações em andamento no capitalismo deixam marcas violentas sobre a população empobrecida, como o aviltamento do trabalho, a debilidade da saúde, a moradia precária, a fome, a fadiga e a ignorância, sinais que mostram os limites da condição de vida dos excluídos na sociedade. Surge então o seguinte questionamento: o que acontece com o trabalhador que envelhece na periferia do sistema quando perde o emprego e depende de políticas sociais para sobreviver?

Vimos que o trabalho ocupa um lugar central na vida das pessoas, principalmente para as classes menos favorecidas. Deste modo, o envelhecimento configura-se como um problema a ser enfrentado pelos trabalhadores, uma vez que os idosos são considerados improdutivos para sociedade capitalista.

Para Minayo e Coimbra Jr. (2000), essa visão depreciativa deve-se à ideologia ‘produtivista’ para a qual, se uma pessoa não é capaz de trabalhar não serve para a sociedade, como é o caso dos idosos que antes de exaurirem sua capacidade de labor são expulsos do mercado de trabalho por não possuírem o mesmo vigor.

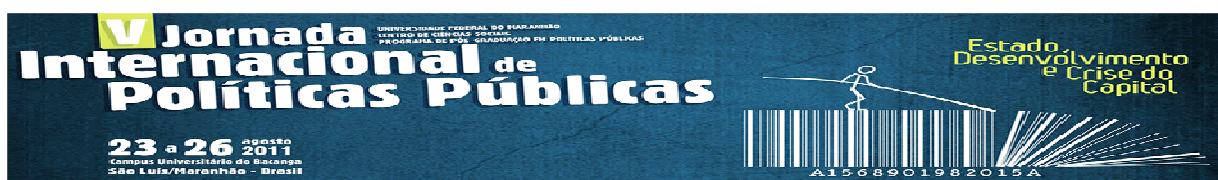
Segundo Beauvoir (1990), o argumento dos empregadores é que quando o funcionário envelhece, perde sua força e rapidez, além de não se adaptarem facilmente a novas situações, defeitos que não são compensados pela experiência e qualificação profissional. Assim, o trabalhador quando envelhece é simplesmente lançado ao refúgio.<sup>4</sup>

Não por acaso Teixeira (2008) observa que é para os trabalhadores pobres e envelhecidos que essa etapa evidencia a ampliação das desigualdades sociais, constituindo-se, portanto, uma das expressões da questão social. Pois quando se torna “descartável” para o capital, o idoso fica desprovido de renda e meios de subsistência, capazes de promover uma velhice digna. A menos que tenha direito de aposentar-se, o que diminui, mas não extirpe sua vulnerabilidade.

Apesar de o direito a aposentadoria ser um avanço, muitas vezes ela libera do trabalho pessoas ainda produtivas, tornando-os inativos, uma vez que nem sempre é necessário completar 60 anos para ser considerado velho para o mercado de trabalho. Os

---

4 Vide Beauvoir, 1990, p. 286.



idosos descartados do emprego ao perderem a identidade de trabalhador ficam envoltos a inúmeros questionamentos do tipo, que papel desempenhar? Que atividade desenvolver? Como sobreviver? A solução para essa questão, segundo Beauvoir (1990) é permitir que os trabalhadores continuem ativos o tempo que puderam, ou aposentá-los cedo, desde que assegurem um nível de vida satisfatório.

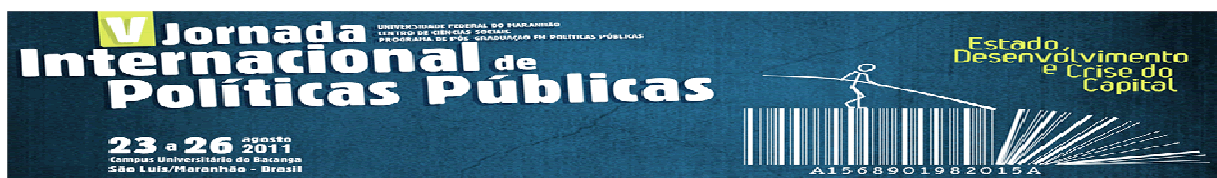
É importante salientar que paralelo ao envelhecimento há o aparecimento de doenças, muitas delas resultado da trajetória de trabalho que desenvolveram no decorrer de suas vidas. Algumas vezes, essas doenças impulsionam os idosos a se retirarem da vida produtiva, quando passam a ser vistos pela sociedade como improdutivos e doentes. O cenário de pobreza em que se encontram, agrava ainda mais suas condições de envelhecimento. Diante desta realidade, os idosos que adoecem e não possuem os meios de produção enfrentam grandes dificuldades ao envelhecer, uma vez que dependem do Estado e seus parques “benefícios” para se manter.

Dentre esses benefícios, os da Previdência, Saúde e Assistência Social que constituem o tripé da Seguridade Social, são os que mais requerem investimentos por parte da população idosa. Assim, por demandarem tantos recursos públicos passam a ser vistos pela sociedade como improdutivos e alavancadores de gastos.

O trabalho está no centro da questão social. Para Montaño (2008), ela se expressa na contradição capital/ trabalho, na luta de classes e na desigual distribuição de riqueza. Portanto, é uma questão de ordem pública. Todavia, o autor coloca que uma das soluções do neoliberalismo para a crise é reconstituição do mercado, para isso é necessário reduzir ou mesmo eliminar a intervenção do Estado. Essa desresponsabilização do Estado favorece o sucateamento dos serviços e políticas públicas, tendência que transforma o que é direito em favor. De acordo com este autor, a transferência de responsabilidades do poder público ao mercado atribui ao próprio sujeito a responsabilidade pela satisfação de seus carecimentos.

Por todos esses fatores, a velhice é considerada um problema para a população pobre. Alguns teóricos argumentam que essa é a última fase do ciclo vital, em que não há mais nada a ser feito, apenas esperar a morte chegar. Diante disso, importa dar uma ressignificação a vida e à própria velhice e criar condições dignas de envelhecimento, afinal, com o avanço da medicina a idade cronológica tende a aumentar. Estaremos caminhando para a sociedade dos inúteis e inativos?





### 3.SITUAÇÃO DOS TRABALHADORES ENVELHECIDOS EM MANAUS

Para compreender o modo que as transformações ocorridas no mundo do trabalho incidiram sobre a vida do trabalhador que envelhece na periferia do sistema capitalista em Manaus, objetivamos verificar onde os idosos estavam inseridos, se no mercado formal ou informal e em que setores da Zona Franca; apontar se tiveram ou não acesso à aposentadoria, além de revelar a situação socioeconômica que se encontram atualmente.

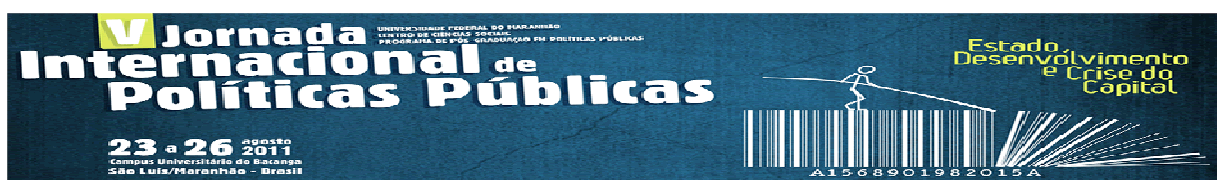
Este trabalho teve como base uma pesquisa financiada pelo CNPq e FAPEAM no período de agosto de 2008 a julho 2009. A amostra foi composta por 60 idosos, sendo 30 homens e 30 mulheres usuários das Unidades Básicas de Saúde das zonas Sul e Leste da cidade de Manaus. Para alcançar os objetivos propostos, foram aplicados formulários semi-estruturados.

Dentro do turbilhão de mudanças estruturais que a lógica capitalista mundial e brasileira passou, as indústrias que formavam a Zona Franca de Manaus foram atingidas e obrigadas a alterar seu sistema de produção para se adequar aos novos padrões já existentes mundialmente. Os ribeirinhos, os agricultores, os extrativistas formaram a massa de trabalhadores da Zona Franca de Manaus, que nesse primeiro momento pouco se preocupava com mão de obra qualificada, importava apenas a abundância e a jovialidade dessa mão de obra.

Machado *et al* (2006) aponta que devido ao aumento da competição externa, causada pela reestruturação produtiva, a ZFM viu-se obrigada a alterar sua função-produção, investindo em tecnologia propiciando a redução de mão-de-obra direta, requerendo do trabalhador qualificação bem mais elevada. Surgiu então, a “síndrome de desindustrialização” que culminou com o crescimento do setor terciário (serviços) e do nível do desemprego, além do aumento da pobreza urbana.

É necessário fazer esse resgate para compreender os processos que os idosos da pesquisa vivenciaram direta ou indiretamente, uma vez que estavam na idade produtiva. Apontar essa trajetória é fundamental para analisar as conseqüências dessas transformações para o trabalhador que envelhece na periferia do capitalismo.

Pudemos constatar que o baixo índice educacional dos idosos pesquisados interferiu diretamente na vida produtiva. Na sociedade capitalista, a educação ainda é um



dos principais meios de reduzir a má distribuição da riqueza. Explica-se, portanto, os baixos rendimentos dessa população, uma vez que existe ligação direta entre nível educacional e nível de renda.

Esse fator também influenciou nas atividades econômicas em que estiveram envolvidos os trabalhadores envelhecidos que compõe nossa amostra, posto que quanto menor a escolaridade menor a qualificação profissional. Além disso, uma melhor formação escolar e profissional proporciona uma situação econômica estável e melhores condições de moradia, maior consumo de bens e serviços, influenciando em grande parte a satisfação de vida das pessoas que já envelheceram.

O trabalho formal foi mais marcante para os homens, pois estes tiveram maior índice de escolaridade, e quanto maior o nível educacional maiores as possibilidades de participação no mercado formal de trabalho. Dado comprovado pela pesquisa uma vez que 53% dos homens exerceram atividades renumeradas no mercado formal, enquanto as mulheres apenas 43%.

A trajetória de trabalho desses idosos foi marcada pela precarização, muitos viveram da agricultura nas primeiras décadas e ao chegarem em Manaus grande parte trabalhou no setor informal, a segunda maior parcela na indústria e no setor de serviços. Desse modo, poucos idosos tiveram acesso aos direitos previdenciários, pois, este sistema é contributivo.

O direito a aposentadoria é uma resposta à problemática do envelhecimento do trabalhador. Entretanto, a demanda por este benefício é maior que a oferta, desse modo os sobrantes recaem na assistência social. Segundo Sposati (1989) *apud* Teixeira (2008, p. 159) esta é quase o campo do “não direito”, posto que sua demanda seria a dos “menos cidadãos”.

O perfil dos idosos desta pesquisa revela que possuem baixa renda, se observado que a disposição geral dos salários se concentra em um salário mínimo, agravando a vulnerabilidade em que se encontram, uma vez que é nesta fase que os gastos com medicamentos e serviços médicos aumentam, além de muitos serem os mantenedores dos lares, conforme constatado na pesquisa. Essa situação fez com que muitos retornassem ao mercado de trabalho.

Isto é, esses idosos trabalharam durante toda a juventude e maturidade e quando envelheceram não era o descanso que os esperava, mas o trabalho precário, haja vista





que poucos tiveram acesso à aposentadoria, e mesmo os que conseguiram se aposentar, estas por sua vez, são muito baixas, impulsionando o retorno ou a continuidade no mercado de trabalho. Este retorno ao labor deve-se à relação do trabalho/renda, pois, é o trabalho que propicia aos indivíduos a capacidade de sobrevivência.

Tal realidade anuncia os desafios societários engendrados pelo fortalecimento do modelo econômico vigente, que propõe o corte dos gastos sociais, aumento do desemprego, principalmente entre os idosos, desregulamentação de direitos sociais, e trabalhistas, entre eles, os garantidos na Seguridade Social, exacerbando as desigualdades sociais no país e no estado.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo mostrou que a década de 1970 foi o marco de mudanças ocorridas tanto no cenário nacional quanto no internacional. Nesse período, o capitalismo entrou e crise, o que provocou profundas alterações nas relações de trabalho mundiais. Os efeitos dessa crise capitalista foram devastadores para a “classe que vive do trabalho”. Pois, houve a precarização das relações trabalhistas, gerando aumento dos índices de pauperização e, inúmeros direitos trabalhistas foram perdidos.

Todo esse processo de reestruturação produtiva influenciou mudanças na estrutura do emprego em Manaus. Houve um recrudescimento do setor agrícola e industrial, que passou a exigir maior qualificação profissional, e uma expansão do setor de serviços.

Diante dessa discussão, uma questão que se torna premente é respeitar os idosos como trabalhadores que são e, pensar em condições dignas para eles, lembrando que, de algum modo, ajudaram a construir as riquezas desse país. Pois, eles são sujeitos de direitos que já contribuíram com a sociedade. Cabe, agora, que a sociedade e o Estado assumam a responsabilidade, deferida por lei, de minimizar as desigualdades por eles vividas e criem condições de um envelhecimento digno, ativo e saudável.

#### 5. REFERÊNCIAS



1. ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.
2. BEAUVOIR, S. *A velhice*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
3. IAMAMOTO, Marilda Villela. *O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.
4. MACHADO, Carlos Alberto da Costa; OLIVEIRA JUNIOR, Aristides da Rocha; COSTA, Francisco de Assis; SANTANA, Antonio Cordeiro de. *Metamorfoses do Modelo Zona Franca de Manaus: Desafios à pesquisa e ao planejamento do desenvolvimento regional*. In: *Políticas públicas e diversidade cultural* / Org. Elenise Scherer e José Oliveira. RJ: Goiamond, 2006.
5. MARX, K. e ENGELS, F. *A ideologia Alemã (Feuerbach)*. São Paulo, Grijalbo, 1977.
6. MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR, Carlos E. A. *Entre a liberdade e a Dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento*. In: *Antropologia, saúde e envelhecimento*. RJ: Fiocruz, 2002.
7. MONTAÑO, Carlos. *Terceiro setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social*. 4ª ed.- São Paulo: Cortez, 2007.
8. PEIXOTO, Clarice Ehlers. *Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar*. In: *Família e envelhecimento*. RJ: FGV, 2004.
9. SERRA, Rose. *Alterações no mundo do trabalho e repercussões no mercado profissional do assistente social*. In: *Trabalho e reprodução: Enfoques e abordagens*. São Paulo: Cortez, 2001.
10. SPOSATI, A. *A assistência social e a trivialização dos padrões de reprodução social*. In: SPOSATI, A et AL. *Os direitos (dos desassistidos) sociais*. São Paulo: Cortez, 1989, p. 5-30.
11. TAVARES, Maria Augusta. *Os fios (in) visíveis da produção capitalista: informalidade e precarização do trabalho*. São Paulo: Cortez, 2004.
12. TEIXEIRA, Solange Maria. *Envelhecimento e trabalho no tempo de capital: implicações para a proteção social no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2008.
13. YASBEK, M. C. *Pobreza e exclusão social: expressões da questão social no Brasil*. In: *TEMPORALIS*. Revista da associação brasileira de ensino e pesquisa em serviço social. Brasília: ABEPSS. (Ano II, no 3), Jan-jun, 2001.